



**CÂMARA DOS DEPUTADOS
COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

**Requerimento nº , de 2007
(Do Sr. Deputado Waldir Maranhão)**

*Solicita seja realizado SEMINÁRIO
SOBRE A EDUCAÇÃO E CIÊNCIA NA
AMAZÔNIA.*

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, ouvido o Plenário desta Comissão, seja realizado o “Seminário sobre a Educação e Ciência na Amazônia”.

Assim, então, em data a ser definida por esta Comissão e membros interessados, convidaríamos todos os envolvidos a participarem deste Seminário.

JUSTIFICAÇÃO

O MARANHÃO encontra motivação especial para saudar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, por sua iniciativa de convidar a alma cristã dos brasileiros à reflexão sobre a Amazônia: os maranhenses também somos amazônidas. Incluídos na Região Nordeste pela classificação do IBGE, habitamos um território de transição, ocupado em larga parte pela típica paisagem da Floresta tropical. Somos também povo daquele imenso mundo, privilegiados e singularmente responsabilizados pela manutenção de sua extraordinária biodiversidade.

E como o Maranhão é berço de poetas, e somos uma gente fraterna, a fraternidade maranhense nos levou a entregar à literatura do Amazonas um dos seus e nossos maiores poetas, de nome, aliás, tão grande quanto o seu próprio nome: José Américo dos Albuquerque Maranhão Sobrinho (Barra do Corda, MA, 1879-Manaus, 1916). E é de outro poeta maranhense, o genial Sousândrade (1832-1902), a mais bela e perfeita profecia sobre o destino daquela terra. Para Sousândrade, é na “pátria das calmas do equador” que se acha o umbigo do mundo. O verdadeiro mar mediterrâneo é o Amazonas. E a Amazônia é um “pressentido Eldorado de tesouros [...] pátria do mundo em séculos vindouros”.

A despeito, no entanto, dessa visão utópica, é a um ato penitencial que somos chamados, nesta Quaresma, pelo Episcopado brasileiro.

Tudo indica, de fato, que a realidade amazônica de nossos dias mais nos condena que nos salva. E não é sem razão que os eclesiásticos convocam a alma do País a prestar mais atenção à Amazônia. Chamada, em outros tempos, ora de “paraíso perdido” (Euclides da Cunha), ora de “inferno verde” (Leandro Tocantins), conforme a visão otimista ou pessimista de seus estudiosos, constatamos, hoje, que o paraíso, se já não de todo perdido, está se perdendo a olhos vistos. E o inferno se acende no incêndio da floresta, de cujo fogo ninguém escapará.

Na verdade, se não acelerarmos nossa vigilância para que medidas urgentes, bem mais abrangentes e muito mais eficazes, sejam tomadas pelo poder público e por toda a cidadania deste país em relação à Amazônia, não será surpresa se, bem mais cedo do que imaginamos, tivermos que recitar sobre esse outro inferno que criamos as terríveis palavras do outro poeta: “Abandonai toda esperança, vós que entraís”.

Sem dúvida, Senhoras e Senhores Deputados, não haverá nenhum exagero em afirmar que a Amazônia constitui, sobre a terra, a maior criação de Deus – e é uma ofensa à Criação divina sabermos que espécies animais estão aí desaparecendo, sem tempo, sequer, de chegarem ao conhecimento e à classificação da ciência. Toda vida que se destrói é um desprezo à providência e à sabedoria do Criador.

Dói por demais sabermos o que, em sua razão essencial e mais funda, a Religião classifica como pecado, ou seja: que a destruição e o descaso pela Amazônia se devem à desenfreada ambição internacional, à plurissecular ignorância nacional e à vergonhosa pobreza da população local, essa a grande vítima, quando, ao contrário, lhe caberia ser a maior beneficiária daquele “pressentido Eldorado de tesouros”.

Pois a Amazônia não pode ser vista somente como uma imensa reserva florestal, um reservatório de madeiras preciosas, que uma ganância de quatro séculos de exploração sem freios imaginou inesgotável. Haverá uma inversão pagã quanto à exata escala de prioridades, se, valorizando a Amazônia, esquecermos a pessoa humana, que, aí como em todo lugar, deverá vir sempre em posição de primazia. São mais de 20 milhões de pessoas, são mais de 200 mil índios, são quase 200 etnias indígenas, de tradições culturais milenares. O homem amazônida também está em extinção – e isso é o que mais deve preocupar a consciência dos cristãos: tudo o mais vale *depois* do valor primordial da pessoa humana.

Só assim terá sentido a meditação que somos solicitados a fazer sobre o chão amazônico, sobre as águas, a fauna, a flora amazônica. Primeiro que tudo, o ser humano que vive e depende da Amazônia, as criaturas humanas, cuja vida, em qualquer espaço do Planeta, dependem da permanência da Amazônia para a

sua própria sobrevivência. É um ato radical, radicalmente religioso, de reverência a Deus e de amor ao próximo, que somos solicitados a fazer, ao longo de todo este ano.

Daí, a sábia decisão da Igreja, nessa Campanha, em sua missão evangelizadora.

Mas, para que não fiquemos apenas de cabeça dobrada sobre o muro das lamentações, pensemos em medidas propositivas que recuperem a Amazônia de cinco séculos de cobiça e devastação que a todo o mundo será prejudicial.

Por onde começarmos? Qual o ponto de partida, o marco zero da caminhada que se faz inadiável, de inclusão e integração da Amazônia como coisa nossa, como propriedade que o Brasil preserva para o futuro da humanidade, para sua saúde e seu bem-estar?

Eu não hesito um só instante em afirmar que tudo deverá começar pela educação.

Digo mais, e, nesse ponto, pediria toda a atenção aos membros desta Casa: estou convencido que a Região Amazônica já, há tempos, nos deveria ter convencido da necessidade premente de termos, no Brasil, sobre o Supra-Sistema de Educação Nacional, unificado filosófica e politicamente, alguns outros sistemas regionais, diferenciados em termos de organização escolar, recrutamento, perfil e salário de seu magistério, currículos, recursos metodológicos, conteúdos instrucionais, tempo de ensino e duração da escolaridade. Teríamos que descentralizar o MEC. Teríamos que organizar numerosos MECs através do País, sendo o primeiro de todos o MEC da Amazônia.

Não terei tempo de expandir a minha percepção dessa necessidade, suas razões de ser, sua conveniência, o elevado sentido de eficácia que visualizo para tal medida.

Neste momento, contento-me em apenas levantar o problema, pedindo aos congressistas, meus pares, que se disponham à decisão que é nosso dever tomarmos com urgência.

Nessa perspectiva, e em consonância com o que nos propõe a Campanha da Fraternidade, antecipo que haverei de propor, logo mais, que a Câmara dos Deputados, por sua Comissão específica, realize um Seminário sobre Educação e Ciência na Amazônia, com vistas a um elenco de ações que deveremos implementar sem demora para aquela grande região brasileira.

Sala das Reuniões, 28 de fevereiro de 2003.

WALDIR MARANHÃO
DEPUTADO FEDERAL

PP/MA